

DOSSIER 1

ANTROPOLOGIA PARA QUE SERVE
excertos de um texto de Tim Ingold

DIÁRIOS DE CAMPO: MODOS DE FAZER, MODOS DE USAR
excertos de um texto de João Leal

OFICINA DE ANTROPOLOGIA para as artes e design

Opção livre | 2024
Teresa Fradique

viver culturalmente

«(...) **o conceito de cultura** encerra um grau de abstracção bastante elevado. Por outras palavras, a “cultura” não é algo que nós possamos alguma vez esperar encontrar “no terreno”. O que nós encontramos são pessoas cujas **vidas as conduzem numa viagem através do espaço e do tempo em meios que se lhes apresentam como plenos de significado**. Pessoas que utilizam tanto as palavras como os artefactos materiais [como as imagens] para conseguir **produzir coisas e comunicar com os outros**. Pessoas que, na sua conversação, desfiam um sem fim de metáforas de forma a tecerem uma rede de equivalências simbólicas em constante expansão. O que nós não encontramos são corpus de pensamento e costumes que estejam claramente definidos e que sejam mutuamente exclusivos, partilhados de forma perfeita por todos aqueles que se reconhecem neles (...). A ideia de cultura isolada revelou ser uma ficção da imaginação antropológica ocidental. **Seria então mais realista afirmar que as pessoas vivem culturalmente, do que dizer que vivem em culturas.**»

(Tim Ingold, 1994, p.330).

Sobre levar os outros a sério

Tim Ingold

(2019)

Como devemos viver? Certamente, os seres humanos sempre refletiram sobre essa questão. Talvez seja o próprio ato de refletir que nos faça humanos. Para os outros animais, aparentemente, a questão raramente é levantada. Eles são mais ou menos absorvidos no seu modo próprio de fazer as coisas. **Mas os modos de vida humanos - os modos de fazer e de comunicar, de pensar e de saber - não são dados; eles não são predeterminados, nem se constituem definitivamente. A vida é uma questão de decidir como viver e envolve, a todo momento a possibilidade de ramificar-se em diferentes direções, nenhuma das quais é mais normal ou natural do que qualquer outra. Como os caminhos se fazem ao andar, devemos continuamente improvisar modos de vida conforme avançamos, abrindo novas trilhas mesmo quando seguimos os rastros de nossos predecessores. Contudo, nós não o fazemos sozinhos, mas na companhia de outros.** Como os fios de uma corda, vidas se entrelaçam e se sobrepõem. Elas seguem juntas e reagem mutuamente, umas as outras, em ciclos alternados de tensão e resolução. Nenhum fio segue para sempre; assim como uns se vão, outros se unem. **É por isso que a vida humana é social: é o processo contínuo e coletivo de descobrir como viver. Todo modo de vida, portanto, representa uma experiência comunitária acerca de como viver. Ele é uma resposta ao problema da vida da mesma forma em que o caminho é uma solução para o problema de como chegar a um destino ainda desconhecido. Mas ele é uma abordagem do problema.**

Vamos evocar um campo de estudo que assumiria para si a responsabilidade de aprender com a maior variedade de abordagens possível; que buscaria apoiar-se, diante da questão sobre como viver, na sabedoria e na experiência de todos os habitantes do mundo, independentemente de suas origens, dos seus meios de subsistência, das suas circunstâncias e de seus lugares de residência. É este o campo que defendo nessas páginas. Devo chama-lo de antropologia. Pode não ser a antropologia como você a imagina, ou mesmo como ela é praticada por muitos dos que se declaram antropólogos. As definições e confusões acerca da disciplina são muitas, e seria maçante

examinar todas elas. Não peço desculpas por apresentar uma visão pessoal, marcada pela minha própria carreira como estudante e como professor da disciplina, talvez não tanto do que a antropologia seja, mas do que eu penso que da deveria aspirar a ser. Outros poderão discordar, mas isso seria um sinal de vitalidade, não de fraqueza. **Seja como for, a antropologia será sempre uma disciplina em aberto: ela não pode se constituir de maneira mais definitiva do que a vida social da qual ela se ocupa.** Assim, a história da antropologia não pode ser narrada como uma história do início ao fim. **Tampouco podemos dormir sobre nossos louros, como se, após séculos de erros, de ignorância e preconceito, tivéssemos finalmente emergido à iluminação.** Há muito trabalho a ser feito, e este livro é tanto sobre refazer a antropologia para o futuro quanto sobre recontar o seu passado.

Agora, você pode pensar que o problema acerca de como viver pertence, na verdade, à **filosofia**, e você não estaria errado. Afinal, trata-se de uma questão que toca nos próprios alicerces da existência humana neste nosso mundo. Nós nos denominamos seres humanos, mas o que significa ser humano? O nome que a ciência nos deu, enquanto uma espécie, é *Homo sapiens*, mas em que consiste a nossa suposta sapiência ou sabedoria? Como **sabemos, pensamos, imaginamos, percebemos, agimos, lembramos, aprendemos, utilizamos a linguagem e convivemos com os outros** de maneiras tão distintas e, ao mesmo tempo, tão variadas? De que **formas e com que princípios nós nos organizamos em sociedades, construímos instituições, administramos a justiça, exercemos o poder, cometemos atos de violência, nos relacionamos com o ambiente, cultuamos os deuses, cuidamos dos doentes, enfrentamos a morte**, e assim por diante? Os filósofos são almas reclusas, mais inclinadas a voltar-se para dentro, em um exame cuidadoso dos textos canônicos de pensadores como eles próprios - em sua maioria, embora não exclusivamente, homens brancos mortos - do que a se envolverem diretamente com as realidades desordenadas da vida cotidiana. **Os antropólogos, ao contrário, praticam a sua filosofia no mundo. Eles estudam - sobretudo por meio de um envolvimento profundo na observação, no diálogo e na prática participativa - com os povos entre os quais eles elegem trabalhar.** A escolha depende das experiências e dos interesses particulares, mas, em princípio, poderia ser qualquer povo, em qualquer lugar. **Na minha definição, a antropologia é a filosofia com as pessoas dentro.**

Nunca, na história da humanidade, esse tipo de filosofia foi tão necessária. Evidências de que **o mundo vive um momento crítico** estão por toda parte e são desanimadoras. Com uma população estimada em 7,6 bilhões de pessoas - e com a projeção de superar os 11 bilhões no final do século - nunca fomos tão

numerosos e nunca vivemos, em média, por tanto tempo. Atualmente, mais de metade da população mundial vive em cidades e, em sua maioria não tiram mais a sua subsistência da terra, como faziam os seus antepassados. As cadeias produtivas de alimentos e de outros produtos atravessam o globo. Florestas estão sendo devastadas, faixas de terra cultivável foram entregues a produção de soja e óleo de palma, a mineração revolveu a terra. A indústria humana, sobretudo a queima de combustíveis fósseis em escala massiva, afeta o clima do mundo, aumentando a probabilidade de eventos potencialmente catastróficos e, em muitas regiões, a escassez de água e de outros itens básicos motivou conflitos genocidas. O mundo permanece refém de um sistema de produção, distribuição e consumo que, embora tenha grotescamente enriquecido a poucos, não apenas privou incontáveis milhões de pessoas de necessidades básicas, condenadas à insegurança, à pobreza e à doença crônicas, mas também causou destruição ambiental em uma escala sem precedentes, deixando muitas regiões inabitáveis e entupindo solos e oceanos com lixo tóxico e imperecível. Esses impactos humanos são irreversíveis e, provavelmente, sobreviverão ao mandato de nossa espécie neste planeta. Não sem razão, alguns declararam o início de uma nova era na história terrestre: **o Antropoceno.**

Este mundo-no-fio-da-navalha é o único mundo que temos. Por mais que sonhemos com a vida em outros planetas, não há nenhum outro mundo para onde possamos escapar. Tampouco é possível voltar ao passado, de modo a buscar uma rota alternativa para o presente. Estamos onde estamos e só podemos seguir em frente a partir daí.

(...)

As nossas condições atuais foram moldadas pelas ações de gerações passadas que não podem ser desfeitas, assim como as nossas próprias ações, por sua vez, conformarão irremediavelmente as condições do futuro. **Como, então, devemos viver agora, para que haja vida para as gerações futuras? O que poderia tornar a vida sustentável, não para alguns em detrimento de outros, mas para todos? Para abordar questões dessa magnitude precisamos de toda a ajuda disponível.** Não é como se as respostas estivessem por aí, em algum lugar, precisando apenas ser descobertas. Não encontraremos o segredo em nenhuma doutrina ou filosofia, em nenhum ramo da ciência ou visão de mundo nativa. Também não é possível haver nenhuma solução definitiva. A história é repleta de tentativas monumentais de pôr um fim a ela, tentativas necessariamente fadadas ao fracasso enquanto houver vida. **Encontrar o nosso caminho em meio às ruínas e uma tarefa de todos nós. É aí que entra a antropologia, e é por isso que - em nosso mundo incerto - ela tem tanta importância.**

(...)

O tipo de antropologia que eu defendo aqui tem um propósito diferente. Não se trata de interpretar ou explicar o comportamento dos outros; não se trata de colocá-los em seu lugar ou consigná-los à categoria dos "já conhecidos". Ao contrário, trata-se de compartilhar da sua presença, de aprender com as suas experiências de vida e de aplicar esse conhecimento as nossas próprias concepções de como a vida humana poderia ser, das suas condições e possibilidades futuras. **A antropologia, em minha opinião, prospera nesse engajamento da imaginação e da experiência. O que ela oferece é um quantum de conhecimento, a ser somado as contribuições de outras disciplinas, todas determinadas a revirar o mundo por informação e a transformá-la em produtos do conhecimento.** O meu tipo de antropologia, na realidade, não se dedica absolutamente à "produção de conhecimento". Ela aspira a uma relação completamente diferente com o mundo. **Para os antropólogos, assim como para os povos entre os quais eles trabalham, o mundo não é o objeto de estudo, mas o seu meio. Eles estão, desde o início, imersos em seus processos e relações.** Os críticos podem considerar isso uma fraqueza ou uma vulnerabilidade. Para eles, isso revela uma falta de objetividade. Mas, para nós, essa é a própria fonte da qual a antropologia retira sua força. (...)

Entre as diferentes classes de pesquisadores, **os antropólogos são conhecidos por sua disposição em aprender com aqueles que, em um mundo obcecado pelo avanço do conhecimento, poderiam ser rejeitados como incultos, analfabetos ou mesmo ignorantes. Trata-se de povos cujas vozes, alheias aos meios de comunicação dominantes, permaneceriam, de outro modo, silenciadas.** Como os antropólogos demonstraram repetidas vezes, esses povos são mais sábios que os seus superiores supostamente mais instruídos. E, como mundo chegando ao limite, não podemos nos dar ao luxo de ignorar sua sabedoria. Temos muito o que aprender, se nos permitirmos ser ensinados por outros com experiências a partilhar. No entanto, esses outros foram eludidos por estudiosos que, em sua maioria, se contentaram em relacioná-los em suas pesquisas mais como informantes do que como professores, interrogados pelo que pode ser extraído de suas mentes ao invés de procurados pelo que podem nos ensinar sobre o mundo. Métodos elaborados foram desenvolvidos para mantê-los a distância. Os métodos são os guardiões da objetividade, acionados para garantir que os resultados da pesquisa não sejam contaminados por um envolvimento muito íntimo ou afetivo dos pesquisadores com os povos que eles estudam. **Para a antropologia, contudo, esse envolvimento é essencial. Todo estudo demanda observação, mas, na antropologia, a observação se dá não pela objetificação dos outros, mas prestando atenção a eles, vendo o que**

fazem e escutando o que dizem. Estudamos com as pessoas, ao invés de fazer estudos sobre elas. Chamamos esse modo de trabalho de "observação participante". Ele é um dos fundamentos da disciplina.

Excertos retirados do capítulo das páginas 7 a 12 da obra INGOLD. T. ([2018] 2019). "Sobre levar os outros a sério", *Antropologia: Para que serve?*. Rio de Janeiro: Vozes Editora, pp.7-19.

breve glossário metodológico

Fazendo **trabalho de campo**, os antropólogos instalam-se para estudar num determinado contexto durante um bom período de tempo. Prosseguem conhecendo bem um grupo de pessoas, **participando nas rotinas regulares da sua vida quotidiana**, talvez até experimentando as actividades de vários membros diferentes da sociedade. Devem sempre pedir permissão para participar nos seus ritos, observar, na medida do possível, as suas cerimónias mais íntimas, e procurar explicações sobre o simbolismo que encontram.

Etnografia - escritos sobre um determinado grupo 'étnico' de pessoas, a parte descritiva do que os antropólogos fornecem nos seus relatos de trabalho de campo. O termo é também utilizado noutras disciplinas para descrever métodos de investigação que se assemelham aos dos antropólogos.

Observação participante - um método utilizado por antropólogos para conhecer um povo e as suas actividades, observando ao mesmo tempo que participam nas suas vidas

Trabalho de campo - levar a cabo um investigação prática, no "terreno" necessária a um estudo particular escolhido por um antropólogo.

Informantes - a palavra utilizada para membros da sociedade em estudo por antropólogos.

Colaboradores - termo utilizado recentemente em antropologia para descrever aqueles com quem trabalhamos, que colaboram na nossa investigação, para substituir o termo informante, menos igualitário.

[excertos baseados na obra: HENDRY, J. (2017). *An Introduction to Social Anthropology: Sharing Our Worlds*. Red Globe Press. tradução livre por Teresa Fradique]

diários de campo: modos de fazer, modos de usar (excertos)

João Leal (2016)

A etnografia - esse modo de observar de perto e devagar, com as pessoas - consiste numa assemblagem de metodologias específicas de observação. Mas compreende também um conjunto de **modalidades de registo etnográfico**. Alguns requerem certa sofisticação tecnológica, como o **gravador**, a **fotografia** ou o **filme**. Outros apoiam-se na **escrita**. O caso mais conhecido é o **diário de campo**. Mas há outros registos escritos de informação importantes, como os **cadernos de campo** usados na recolha etnográfica direta ou os registos de tratamento preliminar da informação. (p.145)
(...)

CADERNOS DE CAMPO

Embora o diário de campo seja o modo de registo escrito mais importante da etnografia, **tudo começa - cronologicamente falando - nos cadernos de campo**. Estes são o instrumento principal para o registo da informação *on the spot*. São o lugar onde - num registo próximo daquilo que Simon Ottenberg classificou como "scratch notes" (1990: 148) - se procede a um **registo escrito daquilo que se vai observando, das conversas que têm lugar, de eventuais ideias que ocorrem durante a observação, de contactos de pessoas que vamos obtendo**. No meu caso, estes cadernos de campo eram tipicamente cadernos A8 sem linhas. Durante grande parte da pesquisa afeiçoei-me a um caderno tipo, de capa preta, que pode ser adquirido em qualquer papelaria de Lisboa. Mas no Brasil mudei para a "variante local" e passei a usar cadernos de linhas com capa azul.

Nesses **cadernos - que me acompanhavam sempre - registava resultados da observação** das festas e rituais. Mas registava também apontamentos de entrevistas mais formais, tanto mais que durante muito tempo recorri pouco ao gravador. Mesmo quando comecei a usar mais o gravador, tirava simultaneamente apontamentos das entrevistas (creio que em resultado da minha desconfiança em relação à infalibilidade das tecnologias). **Nos cadernos de campo ficavam também registados: apontamentos de conversas mais informais; coisas soltas que as pessoas diziam; coisas que eu ouvia as pessoas dizerem entre elas. Ou ainda coisas que ia observando:** nos Açores, por exemplo, as casas, os campos cultivados e os pastos; em São Luís, descrições dos altares dos terreiros e das tribunas das festas do Divino. **Mas, para além**

dessa informação mais “objetiva”, os cadernos de campo registavam também comentários impressionistas sobre as pessoas e as coisas que ia observando. Era também neles que nos Açores fazia os primeiros esboços de diagramas de parentesco e que em São Luís procedia às transcrições de letras das doutrinas cantadas durante os toques de Tambor de Mina.

Tudo no trabalho de campo está sob observação e era esse “tudo sob observa- ção” que ia para os cadernos de campo. Nalguns dias escrevia poucas páginas. Noutros – por exemplo num dia de festa ou em resultado de uma entrevista mais longa – escrevia páginas e páginas. Na maioria dos casos, **escrevia ao mesmo tempo que ia vendo ou conversando.** Mas no caso de conversas mais espontâneas e informais, que sentia que deviam ser mantidas nesse registo, não usava logo o caderno de campo. As conversas ocorriam, eu **esforçava-me por reter os pontos principais e depois procurava um lugar sossegado para reconstruir por escrito os principais pontos da conversa.** O caderno de campo pode espantar a informação e há que identificar os momentos em que é preferível usá-lo de um modo diferido. Há também que saber largá-lo, como já havia indicado Malinowski quando referiu a importância de “put aside camera, note book and pencil, and to join in himself in what is going on” (2002 [1922]: 16). Essa recomendação foi para mim importante. As festas e os rituais envolvem um intenso trabalho de preparação e a minha estratégia foi participar nesse trabalho. **Aí a utilização do caderno de campo é impossível e tem que ser feita em diferido.** Mas deve ser feita, porque é muitas vezes nesses momentos que circula com mais facilidade informação importante enunciada informalmente. (p146-147)

DIÁRIO DE CAMPO

Nos cadernos de campo deve estar portanto toda a etnografia que se vai recolhendo - tudo aquilo que vamos ouvindo e vendo. Quanto ao **diário de campo, ele pode começar por ser visto como o lugar onde é passada a limpo a informação constante dos cadernos de campo.** Mas dizer isso, sendo verdade, não é inteiramente verdade. **A etnografia registada nos cadernos de campo tem muitas vezes um carácter fragmentário.** Passa-se de um tema a outro com uma certa facilidade. Tem também um carácter incompleto e muitas vezes a escrita é telegráfica. Está lá muita coisa mas várias outras coisas não estão lá: porque não houve tempo para apontar, ou porque houve uma seleção da informação relevante e certas coisas ficaram para trás.

O diário de campo é o lugar onde essa informação fragmentária é objeto de algum tipo de sistematização. E é também o lugar onde a informação

incompleta é completada. Muitas vezes é até no decurso da escrita do diário de campo que o etnógrafo se dá conta que, para além daquilo que tinha escrito, outras coisas tinham acontecido que não estavam registadas. Sem o diário de campo muita informação se perderia ou ficaria entregue aos caprichos da memória. (p. 147)

(...)

Para além do seu valor como suporte central da pesquisa, **o diário de campo ganha com o tempo um valor afetivo.** É lá que ficou registada **a experiência do trabalho de campo como experiência “total”.** Ganha também uma dimensão de arquivo que em qualquer momento pode ser ativado e que é também de grande importância. (p. 149)

(...)

CONCLUSÃO

(...) Por fim **no diário de campo está ainda um registo mais sincero do que é a antropologia, que mostra como se chegou às coisas, com que dificuldades e facilidades, como é que certas ideias foram abandonadas e outras nasceram.** Essa sinceridade – quando confrontada com os resultados publicados da pesquisa – pode eventualmente ser comprometedor, como mostra por exemplo o confronto entre a monografia de Margaret Mead *Sex and Temperament in Three Primitive Societies* (1935) e as suas *Letters from the Field* (1977). Confrontando os diários de campo com as publicações que são feitas a partir dele, percebem-se eventuais inconsistências, contradições, sobre-interpretações, **o modo como por vezes alguma informação foi torcida, o modo como outra foi ignorada. Mas nesse confronto, a razão está tendencialmente do lado do diário de campo.** (p153)

[Excertos de LEAL, J. (2016). “Diários de campo: modos de fazer, modos de usar”, Sónia Vespeira de Almeida e Rita Ávila Cachado (orgs.), *Os arquivos dos antropólogos*. Lisboa: Palavrão, pp. 143-154

Bibliografia recomendada:

LEAL, J., 2016, "Diário de campo: Modos de fazer, modos de usar", Sónia Vespeira de Almeida e Rita Ávila Cachado (org.), *Os arquivos dos antropólogos*. Lisboa: Palavrão, pp.145-154.

INGOLD. T. ([2018] 2019). "Sobre levar os outros a sério", *Antropologia: Para que serve?*. Rio de Janeiro: Vozes Editora, pp.17-19.

Este dossier não dispensa a leitura completa dos capítulos referidos.